Elementos para análise de *O Amor está no ar*, o primeiro longa-metragem capixaba[1]

Maria Grijó SIMONETTI[2]
Gabriela Santo ALVES[3]
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO
O amor está no ar (1997) dirigido por Amylton de Almeida é o primeiro longa-metragem de ficção do Espírito Santo. Este artigo aborda, principalmente, elementos de sua produção, distribuição, repercussão e uma breve análise das suas competências estéticas e narrativas, especialmente de sua trilha sonora e seu tema principal, a solidão, bem como o contexto de sua produção, década de 1990, quando há a tentativa de criação do Polo Cinematográfico no estado.

PALAVRAS-CHAVE: cinema capixaba; *O amor está no ar*; longa-metragem; história.

TEXTO DO TRABALHO

Breve história da produção audiovisual no Espírito Santo

A produção audiovisual no Espírito Santo tem início, ainda no início do século XX, pelas mãos de Ludovico Persici, diretor do primeiro curta-metragem do estado, o faroeste *Bang Bang* (1926), considerado o primeiro filme desse gênero feito no Brasil (MIRANDA; RAMOS, 2000). Ludovico criou seu próprio cinematógrafo, o Apparelho Guarani, que filmava, revelava e exibia a película.

Até a década de 1950, as produções cinematográficas ficaram restritas ao próprio Persici e às cenas do cotidiano realizadas por outros cineastas. Nesse momento, Julio Monjardim começou a produzir cinejornais: películas que apresentavam notícias de determinada região e do país como um todo, podendo ser feitos pelos governos ou por produtoras particulares. Os cinejornais também recebiam a pejorativa nomeação de "filmes de cavação", pois podiam ser encomendadas por políticos ou fazendeiros e cabia ao cinegrafista "cavar" as imagens demandadas. Monjardim registrou inaugurações, construções e eventos oficiais do governo do estado e foi contratado pela Prefeitura de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, entre os anos de 1955 e 1957, durante o

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social- Audiovisual da UFES e Bolsista de Iniciação Científica pela Ufes. maria.grijos@gmail.com
[3] Orientadora. Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social (Ufes). gabrielaalves@terra.com.br

mandato de Adelfo Monjardim. Todos os filmes produzidos por ele foram, posteriormente, chamados de "Flagrantes Capixabas" (RIBEIRO, 2007). O cineasta também produziu para o Jornal na Tela, da produtora Atlântica. (MIRANDA; RAMOS, 2000).

A década seguinte é marcada por uma produção no Espírito Santo que converge, estética e tematicamente, na produção nacional do movimento conhecido como Cinema Novo. A efervescência cultural, social e política, que ocorre em todo o país, tem também seus representantes na cinematografia capixaba. Contribuiu para esse momento, o sucesso dos cinemas de rua de dos cineclubes em Vitória. Esses locais propiciaram o encontro, principalmente, de jovens para discussão, apreciação e posteriormente produção de cinema, eclodindo então o primeiro ciclo cinematográfico do estado, com uma produção intensa e, esteticamente, interessante.

> A década de 60, principalmente sua segunda metade, registrou o único ciclo cinematográfico cuja existência se tem noticia no Espírito Santo. Eram em sua **totalidade filmes de ficção**, ainda que **curtos**, em **preto e branco**, com muitos **problemas de som** e outras carências típicas de uma atividade que exige recursos [...]
>
> Alguns jovens partiam para a realização de um filme de curta metragem de uma hora para outra.
> Era só descobrir alguém que possuía uma câmera. [...]
>
> No único surto cinematográfico que houve no Espírito Santo – a efervescência de 1965 a 1967 – foram produzidos cerca de **12 filmes**, curta-metragem, em Vitória. (TATAGIBA, 1988, p. 75-76, grifo nosso)

Alguns dos curtas-metragens produzidos foram exibidos em diferentes edições do Festival Nacional de Cinema Amador JB/Mesbla no Rio de Janeiro, promovido pelo Jornal do Brasil e patrocinado pela rede de lojas Mesbla, quando Ramón Alvarado foi premiado como melhor fotografia do filme *Veia Partida* (1968), do diretor Antônio Carlos Neves.

Em 1967, aconteceu no Cine Jandaia, no centro da capital do Espírito Santo, o 1º Festival de Cinema Amador Capixaba, com realização de Milson Henriques, quando foram exibidos filmes produzidos durante esse ciclo e também de antes desse, e que alcançou um público de mais de 200 pessoas (CID, 2011).

Logo no início da década de 1970, o interior do estado do Espírito Santo se torna locação de duas produções nacionais em longa-metragem: *Vale do Canaã* (1970), baseado na obra de Graça Aranha e dirigido por Jece Valadão e *A vida de Jesus Cristo* (1970), de William Cobbett. Enquanto isso, a produção regional restringiu-se aos curtas-metragens, em

que se destacaram três cineastas - Orlando Bomfim, Amylton de Almeida e Paulo Thiago – cada um com uma produção diferenciada. Portanto, mesmo somente em filmes curtos, a produção local era diversa.

Orlando Bomfim realizou documentários que abordavam questões culturais do Espírito Santo – como a migração italiana e os quilombolas. Foi considerado na *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, de organização de Fernão Ramos e Felipe de Miranda (2000), um dos maiores cinedocumentaristas do país. Naquele momento, são poucos os intelectuais que se voltam para os assuntos próprios do Espírito Santo. Já Paulo Thiago produzia ficções e despontou para o cenário nacional com o seu primeiro – talvez melhor – filme, *Sagarana: o duelo* (1973), pelo qual foi indicado a melhor diretor para o Urso de Ouro no Festival de Berlim de 1974.

Amylton de Almeida naquela época foi notoriamente conhecido pela produção de documentários com, aproximadamente, 40 minutos, em parceria com Wladmir Godoy, para a Rede Gazeta de Televisão, filiada da Rede Globo no Espírito Santo. Esses documentários tratavam de aspectos sociais e de denúncia, como: *Lugar de Toda Pobreza* (1983) que apresenta a realidade do bairro São Pedro, onde famílias viviam dentro de um lixão e *São Sebastião dos Boêmios* (1976) sobre a então maior zona de prostituição da América Latina.

A década seguinte foi marcada pela chegada das câmeras de vídeo às mãos dos estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo, que adquiriu câmeras camcorders da Sony. Muitos desses estudantes faziam parte de um grupo de universitários conhecido como Balão Mágico, que usava muitos recursos – também o vídeo – como proposta política:

> Rapidamente a Beta se transformou numa espécie de dispositivo de captura da realidade. Com a mobilidade e a facilidade de manuseio que essa câmera trazia buscávamos registrar tudo ao nosso redor. E exibíamos tudo a todos. Impossível não se lembrar das infindáveis horas de registro da fauna e flora da matinha da UFES, do sol se pondo lentamente em tons de laranja gravados na caixa d'água... Enfim, capturávamos o tempo. [...]
>
> Com a instantaneidade da imagem eletrônica podíamos prescindir de toda a espera mística da revelação. Gravávamos, assistíamos, não ficava bom, então voltávamos a fita e fazíamos de novo (CARMINATI, 2007).

Em 1986, o Governo do Estado do Espírito Santo por meio do Departamento Estadual de Cultura lançou o seu primeiro concurso de roteiro: o Concurso de Roteiros Cinematográficos Ludovico Persici, cujo tema foi a Cultura Popular Capixaba. Somente

dois roteiros foram inscritos e o vencedor foi *Receita Artesanal*, de Adilson Vilaça e Heloisa Figueiredo. A produção deveria ser feita toda no Estado, exceto os serviços ligados a som e imagem que ficariam a cargo de um laboratório no Rio de Janeiro (TATAGIBA, 1988, p. 98). Podemos entender essa iniciativa como a primeira forma de apoio financeiro ou incentivo dado pelo Governo do Estado do Espírito Santo ao cinema local, ainda que pequena, foi um início de políticas públicas – que ainda tem seus problemas – vigentes até hoje, seja via município ou via estado em todo o Espírito Santo.

Durante a década de 90, o Governo do Estado do Espírito Santo via Bandes (Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo) faz uma tentativa de criação do chamado Polo Cinematográfico, período no qual é produzido *O Amor está no ar*, o primeiro longa-metragem de ficção capixaba propriamente dito. Os outros filmes frutos dessa linha de financiamento foram: *Vagas para moças de fino trato* (1993) de Paulo Thiago, *Lamarca* (1994) de Sérgio Rezende e *Fica Comigo* (1998) de Tizuka Yamasaki. Em convergência com essa proposta, em 1991, a Prefeitura de Vitória criou a Lei Rubem Braga, a segunda lei municipal de incentivo a cultura criada no país (SOUZA, 2009, p. 47). De alguma forma, essas propostas tentavam suprir o fechamento da Embrafilme (Empresa Brasileira de Filme) que ocorrera em março de 1990, pelas mãos do então presidente, Fernando Collor de Mello.[4]

Outro objetivo desse incentivo estadual era a formação de profissionais ligados ao cinema e ao audiovisual como um todo, pois não existiam cursos específicos nessas áreas no estado. Todavia, a estrutura da formação desse polo sempre foi muito questionada, já que a capacitação ocorria por meio de oficinas. O escritor Adilson Vilaça e Amylton de Almeida escreveram sobre isso. Adilson falou do não caráter capixaba que esses filmes tinham:

> Outros dois dos filmes [do polo de cinema] já foram feitos, porém, destacada a relevância das realizações, sem meter a colher de pau na questão da qualidade desses produtos, eles não eram filmes capixabas. Tomaram sol aqui, dormiram entre paredes do Espírito Santo, comeram da moqueca e foram financiados com recursos do Espírito Santo. Tais obviedades contratuais não os fizeram capixabas (VILAÇA, 1995, p. 37).

Já Amylton foi mais incisivo, questionando a postura do próprio Governo do Estado:

[4] http://www.ctav.gov.br/2008/10/10/a-embrafilme/

> "Ninguém poderia concordar com a política do governo passado, de patrocinar "diretores" do Rio de Janeiro, que utilizariam mão-de-obra barata, a pretexto de "formação", através de "oficinas". Tudo muito indigente, numa filosofia que menospreza o movimento cultural capixaba" (ALMEIDA, 1995, p. 25)

Ainda em sintonia com esse momento de produção e discussão cinematográficas, em 1994, ocorreu a primeira edição do Festival Vitória Cine Vídeo, que trouxe à região as mais novas produções em vídeo e cinema e que é realizado até hoje. Nesse momento, primeiros anos da década de 1990, o estado do Espírito Santo começa a se tornar propicio para a produção cinematográfica independente, é o início do "movimento" que pode ser caracterizado até hoje, quando existem várias leis de incentivo e a produção é extensa.

No final da década, tivemos o retorno de produção de curtas-metragens de ficção pelas mãos de jovens universitários e ex-universitários, que por meio de oficinas e troca de conhecimento com profissionais de fora do estado, obtiveram algum tipo de formação. Nesse período, no âmbito nacional vivíamos o movimento que é chamado de Retomada.

Nos anos 2000, dá-se a continuação dessa produção iniciada no final da década de 90, mas agora com mais expansão e muito mais pessoas produzindo curtas-metragens, seja de ficção ou documentário. O crescimento de número de produções audiovisuais culminou com a criação do curso de Audiovisual na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e do curso Curso Técnico de Rádio e TV, em um dos Centros Estaduais de Educação Técnica (CEET), que pertence ao Governo do Estado. Ainda foi criado um Edital de produção de longa-metragem, que em 2013 contemplou o seu terceiro ganhador. A realização audiovisual do estado se torna diversificada e garante repercussão nacional e internacional, vide os curtas-metragens *Mangue Negro* (2008), de Rodrigo Aragão de temática zumbi que foi vencedor de festivais no Chile e na Argentina, além de ter participado do Sci Fi London[5] e *Os lados da rua* (2012) de Diego Zon, vencedor de melhor curta-metragem no Cine Ceará de 2012[6] e que foi selecionado do Short Film Corner do Festival de Cannes na França[7].

Amylton de Almeida, o diretor.

Amylton Dias de Almeida foi jornalista, crítico, escritor, dramaturgo e cineasta capixaba. Figura importante na cena cultural do estado, foi também controverso: amado por

[5] http://cinema.uol.com.br/ultnot/2009/06/24/ult4332u1126.jhtm
[6] http://www.cineceara.com/2012/06/08/premios-del-22%C2%BA-cine-cearapremios-do-22%C2%BA-cine-ceara/
[7] http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2012/05/filme-capixaba-selecionado-para-cannes-vai-ser-exibido-no-es.html

uns, odiado por outros. Amylton fincou seu nome definitivamente na história do cinema capixaba ao escrever e dirigir o primeiro longa-metragem capixaba, o tema deste artigo, *O amor está no ar*. Sem precisarmos levar em conta suas qualidades estéticas e artísticas, o mero fato do filme ter sido feito e estreado já se configurou como um marco. Antes do longa-metragem, Amylton dirigiu documentários para televisão e trouxe à tona assuntos importantes para a sociedade capixaba, como a zona de prostituição e a cruel realidade do bairro de São Pedro, na capital do estado.

O cineasta foi caracterizado por sua biógrafa e amiga, a historiadora e jornalista Jeanne Bilich (1996, p. 24 e 25), como um representante de sua geração, conhecedor profundo das artes e intelectual de peculiar conhecimento. Deixou a escola ainda no ginásio, atual, Ensino Médio, mas não deixou de estudar: frequentou bibliotecas e cinemas. Por seu vasto conhecimento e seu talento ímpar, o filme de Amylton era muito esperado pelos intelectuais capixabas, o que ilustra bem essa ideia é este trecho do artigo de Adilson Vilaça (1995, p.38): "Amylton é um mito da crítica especializada, ninguém pode questionar os conhecimentos que detém neste ramo. É um conhecedor. [...] Então, além de capixaba, tem tudo para ser o melhor filme".

Durante a filmagem de *O Amor está no ar,* o diretor descobriu que estava com um câncer pulmonar e ainda nessa fase iniciou seu tratamento. Antes de o filme ficar pronto, ter sua edição finalizada, Amylton faleceu, vítima da doença, em outubro de 1995, aos 49 anos. O filme só seria lançado quase três anos depois.

A produção de *O amor está no ar*

O longa-metragem *O amor está no ar*, lançado em 1997, com duração de 82 minutos e dirigido por Amylton de Almeida, foi o terceiro filme produzido pelo projeto de Polo Cinematográfico do Espírito Santo e o primeiro longa-metragem capixaba da história. Exibido no Festival de Gramado de 1997, o filme rendeu à sua protagonista, Eliane Giardini, o Prêmio de Melhor Atriz e ainda foi exibido na Mostra São Paulo de 1998, além de ter sido comentado por diversos jornais pelo país, incluindo a *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* o já extinto *Jornal do Brasil*. No Espírito Santo, a imprensa e a sociedade acompanharam o filme desde o início de sua produção, publicando muitos dos seus problemas e causando polêmica. O filme levou às salas de cinema 5.877 espectadores e obteve uma renda de 31.816 reais.

Comparado com outro longa-metragem produzido à época com apoio do Bandes, o *Fica Comigo*, de Tizuka Yamasaki, o filme capixaba alcançou muito mais sucesso. O drama da diretora gaúcha não atingiu nem a metade dos expectadores e da renda de *O Amor está no ar*. Esse relativo sucesso da produção capixaba foi devido, em grande parte, segundo Luciana Vellozo – produtora do filme, em entrevista à autora – ao apoio da população e da imprensa local. A estreia da película aconteceu, em Vitória, ao mesmo tempo em que grandes filmes de sucesso internacional, e conseguiu permanecer durante semanas em um grande cinema da capital.

Eliane Giardini interpreta Lora Berg, famosa radialista da Rádio Espírito Santo apresentadora do "Namoro no ar", um programa de encontros amorosos em que ouvintes se apresentam com pseudônimos à procura de um (a) companheiro (a). Lora em um dos programas conhece Carlos Henrique (Marcos Palmeira), o Cavaleiro do Amor, que vai até lá, à procura de uma parceira. Os dois se aproximam aos poucos, e em um dia de chuva, Lora leva Carlos para sua casa, quando iniciam o romance. Ela, com aproximadamente 40 anos, instruída, mulher de grande sucesso na carreira e mãe; ele, 22 anos, pobre, semianalfabeto, desempregado, migrante de Minas Gerais. Lora, compadecida com a realidade vivida por Carlos e envolvida no relacionamento, compra para ele roupas e o coloca para morar em sua casa, no quarto de hóspedes – contrariando sua empregada, Jussara (Jacyra Silva) e seus colegas Verônica de Jesus (Rosi Campos) e Bigode (Paulo Betti) – e compra também uma casa para a mãe e a família de Carlos.

O roteiro foi escrito depois do curso sobre cinema: *O corpo e a imagem*, ministrado por Amylton de Almeida, na Escola de Arte Fafi, da Secretaria Municipal de Cultura, de Vitória. Após o término do curso, ele chamou dois dos estudantes, Marcelo Siqueira e Fabiano Gonçalves, para escreverem o roteiro de um filme, que futuramente seria o de *O amor está no ar*. Como resultado desse mesmo curso foi produzido um documentário intitulado *Cupido no ar*, no qual participantes do programa Correio do Amor- Namoro no Rádio, apresentado por Jeanne Bilich na rádio Espírito Santo, foram entrevistados. Nota-se aí a semelhança do longa-metragem de ficção com o objeto do documentário:

> A partir desse documentário surgiu a ideia do roteiro. As situações da personagem apresentadora, Lora, não existiram de fato, foram criações de Amylton, mas todo mundo imaginou que a história de amor real de Jeanne Bilich e ocorreu no cinema (NAGIB, 2002, p. 28).

Apresenta-se nesse conflito "ficção x realidade" uma das polêmicas do filme. Quando *O Amor está no Ar* foi lançado, a referência à Jeanne Bilich era tão grande que as pessoas acreditavam se tratar de uma cinebiografia dela. Mas se tratava dos trejeitos somados às ações e histórias vividas pelo próprio Amylton. Mesmo se o roteiro não tivesse essa nítida referência a fatos ocorridos na realidade, ele já causaria polêmica, pois com o passar do relacionamento, Lora descobre que Carlos Henrique ainda mantem relações com sua ex-namorada, notícias negativas sobre ele são apresentadas e Lora chega a romper com o relacionamento.

Outro fato controverso ligado ao longa é o fato de ele ter sido editado sem a presença do diretor – como já foi mencionado, Amylton adoeceu durante as filmagens e faleceu antes mesmo da captação completa de recursos para a pós-produção. O roteirista e assistente de direção Fabiano Gonçalves, com anotações de Amylton e ao lado da montadora, Ana Diniz, teve de modificar inclusive partes do roteiro:

> Quando começamos, em janeiro de 1996, eu estava muito empolgado (...) [mas] Batemos com inúmeros erros de continuidade (...) Quando começamos a colocar as cenas juntas, em ordem, eu fiquei de novo cabisbaixo. Como você sabe, ao final das filmagens, Amylton, acho que por contenção de gastos, começou a cortar sequência (...) Em determinado momento [da edição] percebemos que algo não estava certo (...) Tivemos, então, de alterar um pouco a estrutura do roteiro (GONÇALVES; SIQUEIRA, 1996, p. 136)

Ainda sobre as mudanças na edição idealizada pelo diretor, a produtora Luciana Vellozo conta:

> Apesar de Amylton ter deixado tudo explicadinho. Quando fomos montar, vimos que o filme daria 2 horas e 40 minutos. Houve algumas cenas que tivemos de tirar. Então, criou-se um consenso entre nós, a montadora, a editora de som e a produtora de finalização. Fabiano Gonçalves ficava com o caderno de Amylton na mão, de certo modo, representando-o. (...) Eu agia com uma mão de ferro (NAGIB, 2002, p. 29).

Do seu primeiro corte à sua versão comercializada, *O Amor está no ar* perdeu, aproximadamente, 1 hora e 20 minutos, ou seja, foi reduzido à metade devido às demandas da produção e da distribuição. O que justifica alguns problemas que o espectador pode encontrar ao assistir ao filme: como passagens de tempo não muito bem explicadas. O enviado da *Folha de São Paulo* (1997) ao Festival de Gramado comentou que "O diretor Amylton de Almeida morreu em 95, antes de terminar o filme. Isso explica alguns

problemas: falta de articulação entre as partes, perda de ritmo e sequências despropositadas", mas qualifica o filme como "simpático". Em *O Estado de São Paulo*¸ Luiz Zanin Oricchio (1997) escreveu que o longa tem fraquezas em seu roteiro melodramático, mas que isso já era esperado, devido as "turbulências" que abalaram a sua produção – sempre que citado nesse jornal, é lembrado que as dificuldades da produção (principalmente com a morte de Amylton) se refletem no resultado final do filme.

Em artigo escrito para a revista *Você*, Amylton de Almeida descreve uma sequência da qual se orgulhara muito de ter filmado, disse que tinha conseguido brincar com jogos de imagens e com a expectativa de quem fosse ver o filme:

> Quando procura o amante, pela noite, Lora vai visitar a filha. Olha pelo vidro da porta: ela, o marido e o bebê, todos aparentemente bem, jantando. Lora sai. Entramos na casa: o marido, violento, quebra um copo, a filha e o bebê se assustam. Ela vai visitar Carlos. Pensa em entrar: vê a mãe, o irmão, cunhada e ele, na cabeceira da mesa, também jantando. Tudo está bem, volta para o carro. Entramos: ele está uivando, enlouquecido (ALMEIDA, 1995, p. 28).

Não há nada dessa sequência na versão final, quando procura o amante pela noite, Lora simplesmente vai à casa da mãe de Carlos e depois, já está chegando a uma boate, onde descobre que ele ainda se relaciona com Elisabeth – quem deveria ser sua ex-namorada. Sua filha só aparece no filme posteriormente, quando vai visitar a mãe, que está enlouquecida com o golpe que levara.

Esse tipo de dificuldade também foi resultado da falta de dinheiro que a produção enfrentou e, talvez, por um planejamento não adequado: algumas cenas descritas no roteiro nem chegaram a ser filmadas e fizeram falta na edição, como o próprio Fabiano relatou acima; e também se deve, possivelmente, a falta de experiência da equipe.

A produção do filme ainda teve problemas com a captação de recursos e com o orçamento, que foi muito além do previsto. Na abertura do longa, aproximadamente 40 segundos são destinados à apresentação dos nomes dos patrocinadores, dentre eles estão o Governo do Estado do Espírito Santo – Secretaria de Cultura e Esportes; o BANDES – Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo; o BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento; o Ministério da Cultura – Secretaria do Audiovisual; a Prefeitura Municipal de Vitória – Secretaria de Cultura e Turismo – Lei Rubem Braga e empresas como: a CST – Companhia Siderúrgica de Tubarão, a fábrica de chocolates Garoto e o Banco Santos Neves S.A. Segundo dados da Ancine (Agência Nacional de Cinema), o

projeto foi aprovado nas Leis Rouanet (Lei 8.313/91 em seu artigo 25) e no Artigo 1º da Lei 8.685/93, conhecida como Lei do Audiovisual, o que possibilitaria a captação de R$ 3.152.767, mas que resultaram em somente R$ 1.191.970[8]:

> O filme estava rodado, então eu tinha que correr atrás de outros incentivos fiscais para finalizá-lo. Pretendíamos usar apenas o dinheiro do Estado do Espírito Santo, ou seja, do Departamento Estadual de Cultura, da Lei Rubem Braga e da linha de financiamento do Bandes [...]
> Captamos pela Lei do Audiovisual perto de US$ 1 milhão, pela lei do Estado, com juros e tudo, US$ 1,1 milhão e há uma parte financiada pelo Bandes [...]
> O orçamento inicial do filme era de US$ 854 mil e fechamos as filmagens com US$ 1,5 milhão (NAGIB, 2002, p. 27).

Apesar das diferentes Leis de Incentivo, linhas de financiamento, apoios e patrocínios, como se pode observar pela fala reproduzida acima, da produtora Luciana Vellozo à Nagib, a produção do longa-matragem obteve grande dificuldade para seu financiamento completo, o que, aparentemente, não ocorreu. Sendo o primeiro longa-metragem de ficção do estado, a primeira incursão de grande parte dos envolvidos em um projeto com essa magnitude, é compreensível que todos esses problemas aparecessem, mas foi de suma importância que o projeto fosse finalizado.

Antes ainda da estreia do filme em Vitória, a produção se viu envolvida em mais um conflito, a Rede Globo, em março de 1997, laçaria uma novela com o mesmo título do filme. Para resolvê-lo foi assinado um acordo entre a produtora do filme, Stage, e a emissora televisiva. Todavia, os herdeiros de Amylton de Almeida consideraram o acordo inválido e processaram a Rede Globo, alegando que não havia legitimidade da produtora para assiná-lo. Após ganho de causa aos herdeiros na Vara Civil de Vitória e recurso por parte da emissora aceito no Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJES), em 2004, o caso chegou ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) em Brasília, onde foi negado o recurso da família. Essa disputa judicial pode ter prejudicado o lançamento e a distribuição do filme já que, segundo Luciana Vellozo, em entrevista à autora, a Globo chegou a fazer uma proposta para fazer a distribuição do longa-metragem e dar também divulgação. Seria o primeiro filme da Globo Filmes. Com esse apoio, *O amor está no ar* conseguiria uma maior e melhor distribuição, o que é conhecidamente o grande calcanhar de Aquiles da cinematografia

[8] http://sad.ancine.gov.br/projetosaudiovisuais/ConsultaProjetosAudiovisuais.do?method=detalharProjeto&numSalic=950673

brasileira e também ampla exposição em programas de grande audiência da televisão brasileira.

O enredo

O filme trata, segundo o próprio Amylton, da solidão urbana e contrastes sociais e tem semelhanças com a ópera de Richard Wagner, *Tonnhäuser*, que faz parte, junto com Roberto Carlos, da trilha sonora do filme. A ópera de Wagner é explicada por Lora a Carlos Henrique desta forma:

> Tonnhäuser era um cavaleiro dos tempos antigos. Ele foi seduzido pela Deusa do Amor. Ele tinha que lutar junto com os outros cavaleiros amigos deles, mas ele não conseguia fugir da montanha. Porque lá ele tinha tudo que ele queria. Tudo que ele desejava. Lá ele era o herói. Lá embaixo, ele tinha uma namorada, que o defendia de todas as pessoas que não gostavam dele. Mas ele só queria saber dos prazeres. Nem ligava pra ela. Um dia, ele fugiu da montanha, mas ele não conseguiu mais viver entre os cavaleiros. E assim ele ficou, vagando entre esses dois mundos. A namorada dele morre de saudade. Era para ele ser salvo, mas ele também morre no fim, antes de saber que havia obtido perdão. O perdão viria na forma de um ramo florido (O AMOR ESTÁ NO AR, 1997).

Em *O Amor está no ar*, Carlos Henrique é o nosso cavaleiro, o nosso Tonnhäuser (o personagem principal da ópera se chama Henrich), que vaga entre dois mundos e Lora, a nossa Deusa do Amor, que lhe dá tudo que precisa, lhe concede os prazeres. Lora lhe dá casa, roupas, videogame e carinho, em nenhum momento, aponta para um relacionamento tradicional. Mas quando descobre o vínculo amoroso com sua ex-namorada, Elisabeth, Lora parece se afastar de vez de Carlos, mas com o passar do tempo, eles voltam a se encontrar. Elisabeth também é o nome da namorada de Tonnhäuser. Henrich, da ópera, não consegue escolher entre as montanhas e o vale. Mesmo com tudo que a Deusa do Amor lhe dá, ele sente saudades de sua cidade e dos amigos. Essa indecisão da ópera, nos aponta que Carlos Henrique, do filme, não tenha feito tudo que fez – para nós, parece que ele está dando um golpe em Lora, quando lhe "arranca" dinheiro para comprar uma casa, usa seu carro, ganha roupas, brinquedos, discos e muito mais – por maldade, mas pode ter sido mera indecisão.

O filme não trata da solidão só no âmbito da sua trama principal, um dos motivos de Lora se relacionar com Carlos é o fato de ela se sentir só, sua filha já ter constituído outra família, seus parentes – mãe, filha, genro – quando aparecem no filme estão sempre a falar

de questões financeiras, seus amigos são colegas de trabalho. O programa que Lora apresenta é um fenômeno advindo da solidão, as pessoas procuram, a partir de uma exposição no rádio, alguém com quem possam se relacionar afetivamente, a fim de se livrar da solidão, a fim de não se tornarem mais solitários. A sociedade atual tende a entender a solidão como sinônimo da infelicidade.

Gilles Lipovetaky (1989, p. 49) em seu livro *A Era do Vazio* disserta sobre um novo estágio do individualismo em nosso tempo. Individualismo esse que atinge também a esfera afetiva, fazendo com que nós nos fechemos em nós mesmos, impossibilitando a relação com o outro.

> Numa incessante busca do seu bem-estar e uma supervalorização do EU, o indivíduo moderno torna-se frágil e vulnerável à medida que se fecha para o outro e imerge dentro de si. Esse individualismo estimulado pelo consumismo foi esvaziando o sujeito a tal ponto que ele já não tem mais forças para lutar pelos ideais comunitários. (CRUZ, 2011, p. 42).

Mesmo entendendo o individualismo e a solidão como características do indivíduo contemporâneo, esse busca sempre se distanciar dessa condição – já que ela proporciona contanto com nós mesmos e pode demonstrar nossa fragilidade (CAMANA, VENDRUSCOLO, 2010, p. 2) -, seja por meio por meio das mídias sociais, que são contatos virtuais, mas nos aliviam a necessidade de contato (ŽIŽEK, 2003) ou ainda, como no caso de Lora, podemos nos prender a qualquer resquício de afetividade a fim, somente, de não mais nos encontrarmos no estado de solidão.

É de suma importância para uma compreensão do filme, a análise de sua trilha sonora que divide-o muito claramente em duas partes, que também demostram a divisão social dos personagens, Carlos Henrique e Lora Berg: “A ópera serve de trilha sonora, em seus [de Lora] melhores momentos, ao mesmo tempo em, na rádio, o som é do Roberto Carlos, o capixaba que só fala sobre abandono – e que vem a ser a condução dos ouvintes que procuram amor” (ALMEIDA, 1995, p. 26). As músicas de Roberto Carlos deixam claro o abandono, a solidão, são músicos de cunho popular tais quais outras utilizadas como uma versão de “Mulheres” de Martinho da Vila em espanhol e outra canção interpretada por Alcione.

Como afirmado anteriormente, a ópera Tonnhäuser é ao mesmo tempo música que compõe a trilha sonora e fonte de inspiração para o roteiro de *O amo está no ar*. Quando executada por Lora no início do filme, essa trilha não tem só caráter de som diegético,

aquele que é percebido pelos personagens em cena, mas ganha também característica de narrador da história, já que nos antecipa, de alguma forma, tudo o que vai acontecer no filme.

REFERÊNCIAS

A EMBRAFILME. [S.I]: CTAV, 2008. Disponível em <http://www.ctav.gov.br/2008/10/10/a-embrafilme/> Acesso em 10 de julho de 2013.

ALMEIDA, Amylton. E o filme? Considerações políticas e estéticas (à mar gem do naturalismo). **Você**. Vitória, ano 3, n.30, p.25-28, maio de 1995.

'AMOR está no ar' aborda romantismo no rádio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de agosto de 1997. Ilustrada, p. 7.

BILICH, Jeanne. A sonhar eu venci mundos, minha vida um sonho foi. In: Gomes, Deny (org). **A Multípla Presença**: vida e obra de Amylton de Almeida. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996. 344p.

CAMANA, Juliana; VENDRUSCOLO, Vanessa. A solidão e o isolamento humano na modernidade refletidos nas personagens de *O quarto fechado* de Lya Fuft. **Revista de Estudos Literários Sedah**. [S.I], ano 1, n.1, p. 64-73, 2010. Disponível em <http://revistasedah.files.wordpress.com/2010/08/a-solidao-e-o-isolamento-humano-na-modernidade-refletidos-nas-personagens-de-o-quarto-fechado-de-lya-luft.pdf> Acesso em 13 de maio de 2013.

CARMINATI, Cléber. Rumo ao Audiovisual: Os anos 80 entre cinema e vídeo In: OSÓRIO, Carla (org.). **Catálogo de filmes: 81 anos de cinema no Espírito Santo.** Vitória [s.n], 2007. 193 p.

CID, Duílio Henrique Kuster. *Multi*-Milson-*Mídia*-Henriques: o artista e a cena cultural capixaba nas décadas de 1960-70. **Ágora**. Vitória, n. 14, 2011.

CONSULTA de Projetos Audiovisuais. **Ancine.** Disponível em < http://sad.ancine.gov.br/projetosaudiovisuais/ConsultaProjetosAudiovisuais.do?method=detalharProjeto&numSalic=950673 > Acesso em 13 de julho de 2013.

CRUZ, Daniel Nery da. A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade. **Revista Lable.** São João Del Rei, n. 13, p. 33-46, 2011. Disponível em < http://www.ufsj.edu.br/portal2-depositorio/File/revistalable/3_DANIEL_NERY_DA_CRUZ.pdf> Acesso em 12 de julho de 2013.

FILMES Brasileiros Lançados 1995-2011. [S.I]: ANCINE, [2012?] Disponível em < http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/2102a.pdf> Acesso em 01 de maio de 2013

'FILME capixaba selecionado para Cannes vai ser exibido no ES'. **Portal G1/ES.** Maio 2012. Disponível em < http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2012/05/filme-capixaba-selecionado-para-cannes-vai-ser-exibido-no-es.html> Acesso em 12 de julho de 2013.

GOLÇAVES, Fabiano; SIQUEIRA, Marcelo. O amor está no ar: memórias da busca de um sonho. In: Gomes, Deny (org). **A Multípla Presença**: vida e obra de Amylton de Almeida. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996. 344p

LIPOVETAKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Editora Manole, 2005.

NAGIB, Lúcia. **O cinema da retomada**: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90. São Paulo: Editora 34. 2002. 528p.

O AMOR está no ar. Direção: Amylton Dias de Almeida. Produção: Luciana Vellozo: LCA Produções, 1997. 82 minutos, son., color.

PRÊMIOS do 22º Cine Ceará. Disponível em: < http://www.cineceara.com/2012/06/08/premios-del-22%C2%BA-cine-cearapremios-do-22%C2%BA-cine-ceara/> Acesso em 12 de julho de 2013.

PRODUÇÃO peruana destaca-se em Gramado. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, 13 de agosto de 1997. Caderno 2, p.60.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe A. (org.). **Enciclopédia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo. 2000. 582p.

RIBEIRO, Luiz Claudio. Os Cinejornais de Julio Monjardim. In: OSÓRIO, Carla (org.). **Catálogo de filmes: 81 anos de cinema no Espírito Santo.** Vitória [s.n], 2007. 193 p.

SAÇASHIMA, Edilson. "Mangue Negro" dá sabor brasileiro à clássica história de zumbis. **UOL.** Jun, 2009. Disponível em < http://cinema.uol.com.br/ultnot/2009/06/24/ult4332u1126.jhtm > Acesso em 12 de julho de 2013.

SOUZA, Julia. **Políticas Públicas Culturais Cidade de Vitória – ES (1991-2008)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.

TATAGIBA, Fernando. **História do cinema capixaba.** Vitória: PMV, 1988. 127p.

VELLOZO, Luciana. **A produção de O amor está no ar.** 2013. Entrevista concedida a Maria Grijó Simonetti, Vitória, 10 de julho de 2013.

VILAÇA, Adilson. Nos bastidores do Amor. **Você**. Vitória, ano 3, n. 29, p. 37-39, março/abril de 1995.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!:** cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Biotempo Editorial, 2003.